

Ao longo de quase 60 anos de carreira, escritor gaúcho coleciona sucessos literários e mantém entusiasmo pela literatura

reportagem cultural



BRENO BAUER/VC

## Alcy Cheuiche e o romance histórico

Rafael Gloria, especial para o JC

Alcy Cheuiche é um dos escritores mais reconhecidos e respeitados do Rio Grande do Sul. Ao longo de quase 60 anos de carreira, ele fez do romance histórico a sua principal marca. Em sua obra, já retratou personagens como Santos Dumont, João Cândido, o Almirante Negro, Sepé Tiaraju, Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita, Getúlio Vargas, entre muitos outros.

O escritório em que costuma escrever em seu apartamento é recheado de livros e fotos de autores e personalidades que ele admira, como Ernest Hemingway, Erico Verissimo e Mario Quintana. Cheuiche completou 85 anos em julho, mas sua vitalidade é impressionante. Durante esta entrevista concedida para o **Jornal do Comércio**, ele se mostra empolgado diversas vezes ao relembrar seus livros e

histórias da trajetória.

No último dia 13 de agosto, Cheuiche deu a palestra *Três brasileiros que marcaram a história do País* no Ministério da Defesa, em Brasília. Ele destacou os patronos das Forças Armadas: Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré (Marinha), Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias (Exército) e Santos Dumont (Aeronáutica). Ele também recebeu a Medalha da Ordem do Mérito da Defesa. A outorga se deve aos seus livros sobre as três personalidades.

Para se preparar para a palestra, Cheuiche estava relendo *Nos céus de Paris* - o romance da vida de Santos Dumont. A obra nasceu depois que o escritor encontrou na vasta biblioteca de seu pai um livro sobre o aviador. "Aí aconteceu que ele deitava cedo, ele era militar da reserva, e acordava também muito cedo para tomar chimarrão. Eu

não consegui me deitar, fui lá procurar e achei as memórias do Santos Dumont em francês. Aí eu fiquei impressionado. Passei a noite lendo o livro", diz. Ele percebeu que o livro foi escrito em 1904, dois anos antes do voo do 14 Bis; e se empolgou em escrever o romance.

Para Cheuiche, o romance histórico não pode fugir da realidade, mas tem que recriar a vida. "Após a leitura desse livro, uma sobrinha neta do Santos Dumont me escreveu a seguinte mensagem. 'Li tudo o que consegui sobre a vida do meu tio-avô. Em todos os outros livros, eu só encontrei o inventor. No seu romance histórico, sem nunca fugir da realidade dos fatos, encontrei, além do inventor, um ser humano extraordinário, de que minha mãe sempre falava'. Então, é isto para mim", explica.

O escritor destaca ainda que sua preocupação não é apenas

informar o leitor. "Essa é a diferença para um livro de história. Ele precisa dizer de onde ele conseguiu aquela informação. As vezes, as notas de rodapé vão até a metade da página. Eu admiro muito o historiador, leio os livros da área para desenvolver os meus, mas eu não posso contar da mesma maneira", afirma. Cheuiche cita Cervantes para reforçar sua posição: "Há 400 anos, Cervantes dizia: 'o escritor tem direito a muita coisa, menos a fatigar o leitor'. Então, não tenho que fatigar o leitor. É o contrário, tenho que acender a cabeça do leitor, fazer com que ele não queira parar enquanto não terminar o livro", acredita.

Cheuiche integra a Academia Rio-Grandense de Letras, onde ocupa a Cadeira 37, cujo patrono é Felipe de Oliveira. Para o presidente da instituição, Airton Ortiz, o autor tem uma carreira consagrada na literatura gaúcha,

em especial no romance histórico. "Ele é o Decano da Academia e se trata de um dos intelectuais mais refinados do Rio Grande do Sul. Alcy também tem grande importância na formação de novos escritores (e leitores) através das suas oficinas literárias", aponta.

Entre as várias distinções por sua atividade literária, como as medalhas Simões Lopes Neto, Santos Dumont, Oswaldo Aranha, e os prêmios literários Açorianos e Troféu Laçador, Cheuiche também recebeu, em 2023, o título de Cidadão de Porto Alegre da Câmara de Vereadores. Entretanto, ele elege qual é o maior prêmio que ganhou ao longo desses anos. "Eu não tenho livro encalhado. Os leitores me leem, sou lido por eles. Então, isso é muito gratificante para mim, porque eu escrevo para o leitor", diz.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Contestando um (falso) conceito

Na Mostra de Teatro do DAD - Departamento de Artes Dramáticas, escola de formação em artes cênicas da Ufrgs, vinculada ao Instituto de Artes, iniciativa que já criou tradição, em 2023, foi apresentado um espetáculo chamado *O espelho quebrado*, que tem circulado pelo Estado e agora voltou à cena do Teatro do Sesc, numa programação especial daquela instituição. O roteiro é de Alexandre Azevedo e de Guadalupe Casal. Ambos se autointitulam educadores, sendo Alexandre o intérprete do espetáculo, de cerca de uma hora de duração, e Guadalupe, a diretora do trabalho. *O espelho quebrado* tem trilha sonora do próprio ator, com figurinos e indumentárias dele mesmo e de Mathews Wathier, cenografia de Reni Gabriel.

O tema é oportuno: a violência institucionalizada contra as mulheres em sociedades essencialmente machistas. Azevedo e Casal optaram, contudo, por uma inversão de ponto de vista, o que é interessante, embora, vez ou outra, ao longo do espetáculo, cause algum estranhamento. É que, muitas vezes, o personagem-narrador parece defender um discurso machista para, logo depois, inverter a situação. Isso, por outro lado, tem a vantagem de chamar a atenção para o absurdo da situação focada: o mais evidente é quase ao final do espetáculo, quando o personagem, chegando à escola de teatro, critica suas colegas atrizes pelas reações durante o ensaio de um espetáculo. Esta primeira atitude, contudo, logo é corrigida e denunciada: o personagem inclusive se reconhece errado, expressa claramente o desafio cotidiano que é se corrigir de tais comportamentos, e assim a peça segue até o final.

O roteiro não é ruim, mas certamente pode ser melhorado, distanciando-se de algumas piadas e jogos de palavras que não ajudam no desenvolvimento do texto. Alexandre Azevedo ainda pode amadurecer enquanto ator, mas evidencia uma dedicação comovente ao trabalho e ao personagem. O que mais funciona no espetáculo é o que parece ser chamado de "indumentária",

pela equipe, combinado com a cenografia: o uso de caixas de papelão, não apenas para marcar e definir os espaços cênicos, quanto para constituir eventuais figurinos ou adereços, como no caso do rei francês. A alternativa criada é profundamente criativa e o ponto alto de todo o espetáculo. Só isso já valeria como justificativa para assisti-lo.

Alexandre está seguro, mas lhe falta maior consistência de interpretação. Por vezes, seu trabalho acaba dificultado pelo próprio texto, uma narrativa rememorativa da vida do personagem que conduz claramente a uma preocupação didática quanto ao tema. É certo que desde Friedrich Schiller, no pré-Romantismo, o teatro tem esta preocupação educativa dos homens em sociedade. Mas é bom lembrar que também os gregos valorizavam esta mesma vocação

*O teatro, como toda arte, primeiro precisa ser ele mesmo para, a partir daí, educar. 'O espelho quebrado' falha nesse aspecto*

para as artes. Paideia, era como designavam a formação abrangente e extensiva do ser humano, para o que colaborava, dentre outras manifestações, o próprio teatro. Mas se lemos ou assistimos a uma tragédia daquela época, vemos que, acima de tudo, existe um enredo em desen-

volvimento, uma narrativa que apresenta ações dramáticas a partir das quais, então sim, chega-se a alguma "lição". No roteiro de Alexandre e Guadalupe, me parece que houve uma ênfase demasiada no aspecto educativo - explicitada em se declararem reiteradamente "educadores", em todo o material promocional do espetáculo. O teatro, como qualquer outra arte, primeiro precisa ser ele mesmo para, a partir daí, educar. Aqui, *O espelho quebrado* fica a desejar.

Última observação: inteligente o título da obra, que aliás unifica todo o trabalho, inclusive a partir da trilha sonora que roda logo na abertura e que fala num "homem íntegro", conceito que, justamente, o texto dramático contesta e denuncia. Em síntese, com falhas, sim; mas excelente iniciativa, a evidenciar que ainda podemos fazer muito para discutir tais questões e que o teatro deve, sim, contribuir com tal debate, desde que não deixe de ser teatro, antes de tudo.



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## Ambição destruidora

Estreando no longa-metragem com um filme excepcional, *O lobo atrás da porta*, Fernando Coimbra confirma com este *Os enforcados* as qualidades reveladas em 2013. Depois de vários trabalhos para a televisão e uma permanência no exterior, ele volta ao Brasil num momento em que o cinema nacional atravessa uma fase de premiações em festivais internacionais. E volta para enriquecer uma cinematografia por vezes acusada de insistir em filmes fixados em mazelas sociais, sem abordar suas causas, afastando-se assim das raízes de determinados problemas, desprezando, portanto, qualquer forma de um radicalismo destinado a derrubar paredes (como é visto no final do filme em cartaz) e expor as origens de injustiças e distorções. O novo trabalho do cineasta é admirável por muitos motivos, entre eles por valorizar as imagens, sobretudo os cenários, para chegar à essência

do que está sendo narrado. Eis um exemplo de cinema que embora claramente inspirado em duas peças de Shakespeare, *Macbeth* e *Hamlet*, é cinema de verdade, não renegando o teatro e a partir dele dando origem a uma obra cujos elementos visuais superam, mas não anulam, a força da palavra. Se o cinema pode ser visto como uma reunião de todas as artes, o novo filme de Coimbra é uma prova eloquente de que tal definição é tão correta quanto incontestável. E também é inegável que são as imagens que definem tudo o que é registrado nesta obra admirável.

O cineasta, aliás, começou no teatro, vivendo um dos personagens de *Boca de Ouro*, de Nelson Rodrigues, autor cuja influência em *Os enforcados* é também evidente. O diretor vê a exploração de um jogo e os poderosos que o organizam não apenas como um registro documental. Sua experiência no palco parece que lhe deu uma segurança na direção de intérpretes e na criação de personagens, de modo que sua visão de um país às voltas com problemas criados por procedimentos ilegais e com doses poderosas de corrupção é colocada em cena através

de figuras reais, forma de fazer alegorias panfletárias como algo, perfeitamente dispensáveis. É a realidade que importa. É dela que o filme extrai os seus símbolos. Há momentos na narrativa que não é necessário qualquer esforço para que o espectador perceba sobre o que o diretor está falando. Ao falar da ambição, a obra termina revelando o que geralmente é ocultado, não apenas pelo cinema. Na verdade, estamos diante de um filme sobre a agressividade humana, nem sempre contida e, quando liberada, causadora dos maiores desastres.

Quando as primeiras imagens surgem na tela, o que se vê é uma síntese do que será visto a seguir. Regina, esta ambiciosa rainha shakespeariana, investe com fúria sobre uma imagem carnavalesca, destruindo-a e já revelando a grande violência que a habita. Em seguida, fica claro que, para ela e o marido, o prazer só pode ser alcançado por meio de agressão e violência. Uma fantasia que mais tarde dará origem a uma cena em que a realidade interfere. Uma ironia que não apenas neste momento aparece na narrativa. O filme, perfeito em todos os detalhes, se afasta de imagens

televisivas, através de uma fotografia em que sombras predominam. E também na parte sonora a música contribui de forma decisiva para a atmosfera de uma obra destinada a realçar o papel exercido pela agressividade no comportamento humano. E por isso merecem destaque os nomes de Ulisses Malta Jr. e Mário Di. Pói. Exemplo de um cinema voltado para o contemporâneo e para as forças que comandam os indivíduos habitantes de um universo onde a inversão de valores predomina, o segundo longa-metragem de Fernando Coimbra também deixa sem voz os que acusavam o cinema brasileiro de não abordar o tema da corrupção. Não é apenas a competência e a segurança do cineasta que merecem ser realçados. Seu olhar para o cenário atual é marcado por aquela lucidez indispensável para os que pretendem iluminar cenários em que predominam máscaras e disfarces.

*Estamos diante de um filme sobre a agressividade humana, nem sempre contida e, se liberada, causadora de desastres*

# fique ligado

## Mãeana aproxima piseiro e bossa nova

OTÁVIO DE ROQUE/DIVULGAÇÃO/JC



Cantora se apresenta pela primeira vez em Porto Alegre neste sábado

Neste sábado, às 21h, Mãeana se apresenta pela primeira vez no Bar Opinião (José do Patrocínio, 834). A cantora e compositora estará em Porto Alegre com a turnê *Mãeana canta JG*, baseado no disco homônimo lançado no ano passado, que mistura as canções eternizadas pelo baiano João Gilberto e os atuais sucessos do pernambucano João Gomes.

No repertório, Juazeiro e Petrolina se encontram naquilo que

ela apelidou de “pisa nova”: a levada do piseiro com a delicadeza da bossa nova. Acompanhada da sua banda completa, a artista vai levar para o palco uma mistura inusitada de canções como *Fica Comigo*, *Chega de Saudade*, *Meu Pedaco de Pecado* e *Meditação*. Produzido por Bem Gil, *Mãeana canta JG* rendeu recentemente à cantora uma turnê pela Europa. Ingressos a partir de R\$ 85,00 via Sympla.

## Diálogo entre piano norte-americano e brasileiro

No sábado, às 21h, o Grezz (Almirante Barroso, 328) recebe uma noite dedicada ao jazz, R&B, funk e ao blues de New Orleans. O pianista norte-americano Tom Worrell, indicado ao Grammy 2025, se apresenta ao lado do brasileiro Luciano Leães, em um espetáculo que une clássicos e composições autorais.

A parceria traz ao palco um repertório marcado pela fusão de ritmos e pela tradição pianística de New Orleans. Worrell tem no cur-

riculo colaborações com Solomon Burke, The Wild Magnolias e Walter Wolfman Washington. Já Leães é reconhecido como um dos principais nomes do estilo na América Latina, com passagens pelo New Orleans Jazz Museum e abertura do show de Elton John no Brasil. A abertura da noite fica por conta do guitarrista Danny Abel (New Orleans), que apresenta seu Hammond Quartet ao lado de Leães. Ingressos podem ser adquiridos via Sympla a partir de R\$ 45,00.

REI SANTOS/DIVULGAÇÃO/JC



Tom Worrell traz a tradição pianística de New Orleans ao Grezz neste sábado

## Histórias e sonoridades da Porto Alegre de tempos idos

O projeto *Frequências Sonoras* promove apresentações que resgatam diferentes épocas da música produzida na Capital. A apresentação, marcada para sábado, às 19h, no Instituto Ling (João Caetano, 440), será conduzida pelo músico, jornalista e pesquisador Arthur de Faria intercalando histórias e causos das décadas de 1950, 1960 e 1970. As músicas serão tocadas ao vivo pela pianista Aline Araújo, o percussionista Fernando do Ó, a baixista Júlia Pezzi, a cantora Loma Pereira e o acordeonista Paulinho Cardoso.

O show é inspirado na pesquisa feita por Arthur no livro *Porto Alegre, uma biografia musical* e homenageia uma geração essencial para a construção da produção musical da cidade. A ambientação visual ficará por conta da cartunista e ilustradora Ana Luiza Koehler, que vai transportar o público à Porto Alegre da época. O evento é gratuito, mediante retirada de ingressos pelo site do Instituto.

## Aventura ao lado de dois cavalos crioulos

O livro sobre a jornada épica do suíço Aimé Tschiffely por três anos, de 1925 a 1928, em dois cavalos crioulos chamados Mancha e Gato, ganha edição inédita no Brasil. O lançamento de *Mancha e Gato: A Cavalgada de Buenos Aires a Nova Iorque*, com tradução de Alcy Cheuiche, será realizado nesta sexta-feira, às 18h30min, no lounge da Morfologia da ABCCC na Expoiner, e contará com sessão de autógrafos do tradutor.

A travessia do continente americano chega em livro publicado pela BesouroBox. Foram quase 18 mil quilômetros, do pampa argentino até os EUA, passando por desertos escaldantes, cordilheiras traiçoeiras, selvas sufocantes e rios em fúria. Uma narrativa ideal para quem ama viagem, aventura, história, a raça dos cavalos crioulos, símbolo importante do Rio Grande do Sul, ou simplesmente gosta de boas histórias de amizade e coragem.

## Agenda

- Sábado, às 14h30min, lançamento de *Bergamota*, novo livro infantojuvenil da canoense Taís Fagundes, que aborda as enchentes de 2024. Evento gratuito na Livraria Taverna (Andradas, 736).
- No sábado, às 20h, Mostra Urgente de Artes Cênicas apresenta a peça *Meretrizes* na Zona Cultural (Alberto Bins, 900). Ingressos na hora a partir de R\$ 30,00.
- No sábado, 14h, a Galeria Duque (Duque de Caxias, 649) recebe exposição *Chão.Parede. Arte*, com obras de artistas como Di Cavalcanti, Pablo Picasso e Tarsila do Amaral. Entrada franca.
- Também no sábado, às 20h, o espetáculo *Nem Que Eu Surte no Plantão*, de Diego Besou, estará no Teatro Feevale, em Novo Hamburgo. No domingo, 20h, é a vez do Salão de Atos da Pucrs (Avenida Ipiranga, 6.681). Ingressos em canessoproducoes.com.br.
- Sábado, às 14h, abre a primeira exposição individual de Tarik Kiswanson. Na Fundação Iberê (Av. Beira-Rio, 2.000). Entrada franca.
- No domingo, às 16h, a peça *A Menina dos Olhos D'Água* encerra a Mostra Urgente de Artes Cênicas na Zona Cultural (Alberto Bins, 900). R\$ 30,00 na hora.

- Sexta-feira, às 18h, a Galeria Virgílio Calegari da CCMQ (Andradas, 736), inaugura o projeto visual *mães são artistas são filhas são*, de Viviane Gueller. Livre.
- No sábado e domingo, a partir das 12h, Shopping do Vale (Flores da Cunha, 4.001 - Cachoeirinha), recebe o festival gastronômico e cultural Rock In Trucks. Livre.
- ParkShopping Canoas (Farroupilha, 4.545 - Canoas) inaugura nova área de lazer. Sábado, das 14h às 17h, com apresentação circense e show de Beatles no Acordeon. Entrada gratuita.
- Sábado, às 9h, a Fundação Vera Chaves Barcellos (Tapir Rocha, 8480 - Viamão) realiza manhã de formação sobre mostra *Marlies Ritter – Pensar com as Mãos*, junto do lançamento de material educativo da exposição. Livre.
- Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22) recebe o *Espetáculo George & Ira Gershwin*, sexta-feira, 21h, R\$ 80,00. No sábado, pré-lançamento de *Milonga Oscura*, de Fernando Peters, 21h, R\$ 50,00.
- Sexta-feira, às 21h, o Grezz (Almirante Barroso, 328) recebe o JazzGig num tributo a Miles Davis e John Coltrane. R\$ 25,00 a R\$ 50,00 via Sympla.



## reportagem cultural

Escritor e  
médico-veterinário

Rafael Glória, especial para o JC \*

Nascido no dia 21 de julho de 1940 em Pelotas, Alcy Cheuiche mudou-se antes dos cinco anos para Alegrete. “Lá eu encontrei algo que moldou muito a minha vida: a paixão pelo campo. Aprendi a montar cavalo quando eu tinha cinco anos”, diz. Seu pai era o general Alcy Vargas Cheuiche, e a mãe se chamava Zilah Maria da Silva Tavares. O pai também era médico-veterinário, além de ser ótimo contador de histórias, duas características que influenciaram muito na vida do filho.

Outra referência na infância foi o escritor Monteiro Lobato. “Quando ele morreu, eu senti como se fosse uma pessoa da família. A sua leitura realmente teve um grande impacto. E eu continuei relendo as obras dele até hoje”, diz. Daquele período ele recorda também do colégio Oswaldo Aranha. “Eu só tenho a agradecer, porque fiz toda minha trajetória estudantil nesse lugar, e era um ensino de alto padrão, tanto é que eu cheguei aqui, passei direto no vestibular da Ufrgs”, diz.

Aos 18 anos ingressou na Faculdade de Veterinária da instituição, onde ficou em primeiro lugar quando se formou. Isto o levou a conseguir uma bolsa de estudos para fazer o mestrado na França, em 1965, com 25 anos. É quando volta ao Brasil que publica seu primeiro livro, começando pela

poesia, o *Versos do Extremo Sul*. “Quando eu cheguei em Porto Alegre, eu tinha uma saudade de voltar para o campo, e muitos dos versos falam sobre isso”, explica. Um tempo depois foi para a Alemanha para o doutorado. Durante sua temporada na Europa, manteve uma coluna semanal de crônicas no jornal *Correio do Povo* intitulada *Cartas de Paris*.

Foi na Alemanha que Cheuiche começou a escrever o famoso livro *O Gato e a Revolução*, e também foi onde decidiu que seria escritor. Ele conta que sua casa era um ponto de encontro de diferentes estudantes estrangeiros que estavam no país. “Eu chamava minha casa de Torre de Babel”, recorda, lembrando que a língua escolhida para todos se entenderem era o alemão.

Ele lembra que uma das confraternizações se transformou em um debate acalorado sobre golpes de Estado na América Latina. Os latino-americanos presentes apontaram para os efeitos do colonialismo europeu como uma das raízes das instabilidades políticas. “O estado de injustiça social leva a que nós podemos fazer revolução por qualquer coisa, até por causa de um gato”, comentou Cheuiche. Naquela noite, ele não conseguiu dormir. Pegou papel e caneta e escreveu o primeiro capítulo do que viria a ser o livro *O Gato e a Revolução*. Na sequência vieram o segundo e o terceiro. “Cheguei

à conclusão de que o que eu queria na minha vida era ser escritor”, disse.

A decisão não foi fácil. Aos 26 anos, com carreira acadêmica em andamento, ele enfrentou o dilema. Após o que chama de uma de suas raras ‘reuniões consigo mesmo’, decidiu pedir demissão ao orientador na Alemanha. O professor não queria aceitar sua saída, mas a escolha estava tomada. “Eu quero ser escritor. Então vou trabalhar como veterinário para pagar as contas do escritor”, explicou.

Com o tempo, Alcy conseguiu se dedicar cada vez mais à literatura. Principalmente após a criação da revista científica e cultural *A Hora Veterinária*. A experiência editorial aconteceu em convênio com uma publicação francesa. “A revista não se limitava ao campo veterinário – além da clínica e da cirurgia, também tratava de meio ambiente e ecologia”, diz.

A publicação ajudou a garantir a estabilidade necessária para que ele pudesse se dedicar à literatura. Esse equilíbrio foi fundamental para sua trajetória. Em 2006, ao ser homenageado como patrono da Feira do Livro, fez questão de reconhecer publicamente. “Agradei à medicina veterinária por ter me ajudado a chegar ali. Não cheguei como veterinário, cheguei como escritor, mas a minha atuação na área foi fundamental”, diz.



Alcy Cheuiche e Leonid Streliaev durante lançamento de livro nas Missões



Alcy Cheuiche estava fazendo doutorado na Alemanha quando decidiu que dedicaria sua vida à atividade literária

## Amizade com Sergio Faraco

A amizade entre Alcy Cheuiche e Sergio Faraco tem 80 anos. Os dois foram colegas no colégio, desde o jardim da infância, em Alegrete. Outra coincidência é o aniversário: Cheuiche é quatro dias mais velho, de 21 de julho, enquanto Faraco nasceu no dia 25 de julho. “E como é que a gente ia pensar lá pequenininho que os dois iam ser escritores, não é?”, ri Alcy.

Faraco lembra quando ambos tinham cinco anos e a empregada da casa de seus pais os levava para o Jardim da Infância. “Nós caminhávamos à frente dela, de mãos dadas. Fomos colegas no então Curso Primário e no Ginásio. Seguimos nos encontrando no curso de nossas vidas até que ele foi para Paris e eu para Moscou, mas nos correspondíamos”, diz.

Durante o início da ditadura no Brasil, Cheuiche esta-

va na França e recebeu uma carta de Faraco, que estava estudando na então União Soviética. “Meu contato com a família foi totalmente interrompido, e então Alcy teve a grandeza de servir de intermediário. Ele recebia em Paris as cartas que eu enviava de Moscou, trocava os envelopes e as remetia para Alegrete, fazendo o mesmo quando as cartas vinham do Brasil”, explica Faraco. Na volta para o Brasil, Alcy foi preso, acusado de ajudar um comunista a mandar correspondências para o Brasil. “Os caras ainda dizem que não houve ditadura. É muito fácil”, afirma Cheuiche.

A amizade segue fortalecida ao longo dos anos. “Somos muito parecidos, era inevitável que eu também me tornasse um escritor. Prezo muito essa amizade que nunca se apequenou e tenho orgulho dela”, conclui Faraco.

# Os processos no romance histórico

Com o lançamento de *O Gato e a Revolução*, em 1967, Alcy Cheuiche começou a traçar sua história na literatura do Rio Grande do Sul. A novela foi censurada e o autor processado. Apesar das dificuldades, isso não o desanimou. “Eu abandonei meu doutorado na Alemanha para ser escritor. Então, pensei: vou escrever outro livro. Preciso de um tema que eles não possam censurar”, diz.

Na época, ele já estava em São Paulo, trabalhando na divisão veterinária de uma empresa. Instalado no edifício Copan, Cheuiche frequentava a biblioteca pública da cidade para as pesquisas históricas, uma vez que a localização era próxima. Então, ele mergulhou na história das missões jesuíticas do Rio Grande do Sul e na figura de Sepé Tiarajú. “Eu já conhecia a história, claro. Inclusive o próprio Erico Veríssimo, no *Tempo e o Vento*, tem um capítulo dedicado a esse universo”, diz. Entre a pesquisa e a escrita, cinco anos se passaram, e o livro saiu em 1975, sendo um grande sucesso. Desde então, a obra já ganhou várias novas edições, sendo traduzido para diversas línguas, como o espanhol e o alemão, além de ganhar também uma versão em quadrinho.

Cheuiche também revisitou a trajetória de Bento Gonçalves, personagem central em sua

obra *A Guerra dos Farrapos*. Ele narra um episódio decisivo para a construção do personagem: a fuga da prisão no Rio de Janeiro. Bento teria conseguido escapar da Fortaleza da Laje, mas decidiu voltar ao cativeiro ao perceber que o companheiro Pedro Boticário não conseguira atravessar um túnel. “Essa volta dele me definiu que ele não era somente o líder de uma revolução. Ele não era um herói. Isso é mais do que herói, isso é ser um ser humano”, comenta.

Para o autor, esse olhar sobre a humanidade dos personagens é o que dá sentido ao romance histórico. “Não vou contar só as façanhas militares. Vou contar a vida. Bento Gonçalves foi leal com os amigos, teve uma vida matrimonial maravilhosa. Era um ser humano extraordinário”, afirma.

Cheuiche garante que sua escrita busca apresentar os fatos de modo a prender a atenção do leitor. “Para ajudar a contar a Revolução Farroupilha em si, posso contar a vida de Bento, que foi quem fez a guerra. O que eu quero é que o leitor pegue o meu livro e vá até o fim. O meu livro é escrito para o leitor”, conclui.

Ao falar sobre o tempo dedicado às pesquisas para escrever um romance histórico, Alcy Cheuiche explica que sua metodologia mudou ao longo dos

anos. “Antes eu tinha que fazer toda a pesquisa para depois começar. Hoje eu vou pesquisando e escrevendo. Se lá adiante surgir uma coisa nova e o livro ainda não foi publicado, eu posso mexer”, afirma.

Segundo ele, a produção de uma obra costuma variar, mas o mínimo é de um ano. “Menos do que isso, entre pesquisa e redação de um romance histórico, é difícil. Também ganhei experiência, tenho muito mais facilidade do que antes. Tenho quase cinquenta livros publicados. É pela qualidade da pesquisa e pelo tempo que leva que eu não tenho 80 ou 100 livros. Mas é a qualidade e a relevância que importa”, acredita. Escrever, para Cheuiche, vai além da obrigação profissional: é um ato que o transforma. “Eu sou feliz escrevendo. Quando eu começo a ficar enjoado, minha mulher me manda escrever. Escrever me faz ficar muito melhor, de temperamento e tudo.”

Cheuiche também leciona e organiza oficinas literárias desde o começo dos anos 2000. “Você está sempre aprendendo. O bom professor aprende junto com o aluno e não concorre com o aluno”, diz. Ele contabiliza 116 livros publicados por seus alunos, entre coletivos e individuais. Mais do que colegas, ele os define de outra maneira: “São a minha família literária.”

## Obras destacadas

► **O gato e a revolução** 2ª Edição (AGE)

► **Sepé Tiarajú – Romance dos Sete Povos das Missões** 5ª Edição no Brasil (AGE) / 2ª Edição no Uruguai (Banda Oriental) / 1ª Edição na Alemanha (Ed. Evangélica Luterana)

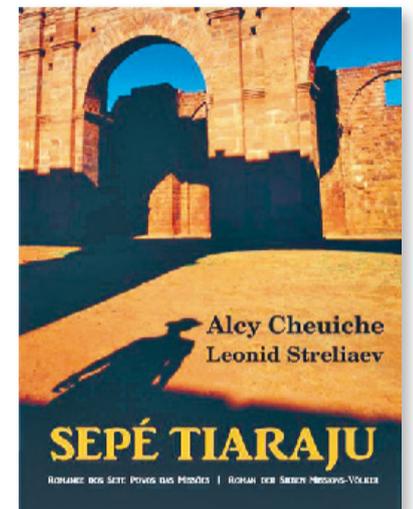
► **O mestiço de São Borja** 5ª Edição (Ed. Sulina)

► **A Guerra dos Farrapos** 4ª Edição (Prêmio Literário “Ilha de Laytano”) – Mercado Aberto

► **Ana sem terra** 8ª Edição no Brasil (Sulina) – 1ª Edição na Alemanha (Ed. Evangélica Luterana)

► **Lord Baccarat** 3ª Edição (AGE)

► **A mulher do espelho** 1ª Edição (Coedição Sulina/AGE)



► **Nos céus de Paris – Romance da vida de Santos Dumont** 1ª Edição Prêmios “RBS” e “Laçador” / 2ª Edição Pocket (Editora L&PM)

► **Jabal Lubnan, as aventuras de um mascate libanês** 1ª Edição – Sulina 2003

► **Sepé Tiarajú – Revista em quadrinhos** 3ª Edição – PontoCom – 2006

# Histórias da Feira do Livro de Porto Alegre

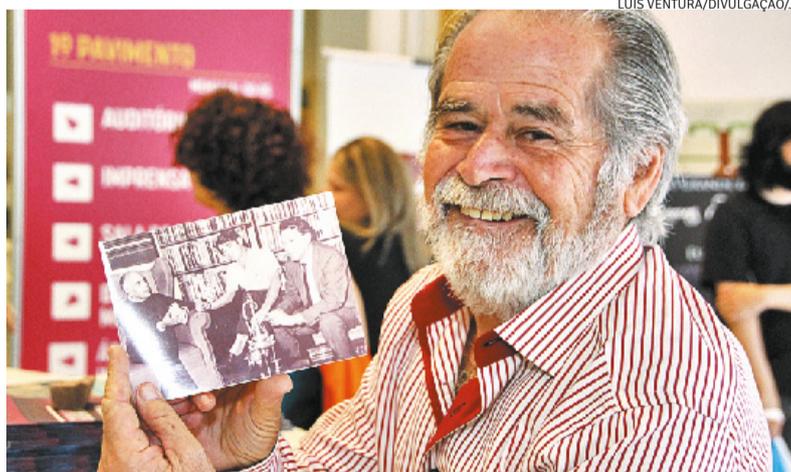
Para Alcy Cheuiche, a Feira do Livro de Porto Alegre representa muito mais do que um evento literário. “É uma experiência maravilhosa”. Ele foi patrono em 2006, em uma época em que o cargo era escolhido por um processo que envolvia livreiros, editores, ex-patronos e diversas entidades culturais e educacionais.

Cheuiche lembra que chegou a ser indicado cinco vezes antes de conquistar o título de patrono, quando os concorrentes ainda eram chamados de ‘patronáveis’ e acompanhados de perto pela imprensa. “Eu fui candidato junto com jornalistas como o Galvani e o Ruy Carlos Ostermann”, cita. A eleição, quando finalmente vencida, trouxe episódios marcantes. Logo no primeiro dia como patrono, um homem de Viamão se aproximou e lhe entregou um pacote. Dentro havia uma entrevista concedida por Cheuiche a um

jornal, emoldurada como presente. “Ele mandou fazer e me deu o quadro. Foi muito emocionante.”

O patronato também o colocou em contato com centenas de leitores e jornalistas. “Eu parei de contar nas 150 entrevistas. Eram rádios, jornais do interior, da capital e de fora do Rio Grande do Sul. Telefone tocando o tempo todo”, diz. Ainda assim, não esquece momentos singelos, como a visita ao espaço infantil da feira. Uma professora apresentou-o como patrono, e uma criança, desconfiada, perguntou: “O que é patrono?”. Após a tentativa de explicação da professora, Cheuiche interveio: “Olha para essa quantidade enorme de livros que tem aí. Tem que ter gente que escreve. O patrono é escolhido para representar todos eles”, lembra.

Entre as memórias de Alcy Cheuiche como patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, uma em



Alcy Cheuiche segura foto dele jovem, ao lado do escritor Erico Veríssimo; à direita, a Medalha da Ordem do Mérito da Defesa

especial veio de fora do País. Seu editor alemão na época – que já havia morado no Brasil e falava português – viajou especialmente para acompanhar a homenagem oficial ao escritor na feira de 2006.

Durante o discurso, Cheuiche lembrou de quando esteve na Alemanha, em 1994, para lançar o

livro *O Ano sem Terra* em edição alemã, e afirmou ter conhecido seu editor na “maior feira do mundo”, a Feira de Frankfurt. Ao tomar a palavra, porém, o alemão fez questão de corrigir o amigo. “Ele disse que gosta muito de mim, tanto que veio especialmente por eu ser o patrono. Mas completou dizendo que eu ha-



via dito uma inverdade”.

Segundo o editor, Frankfurt pode até ser a maior em número de editoras e de livros, mas a feira mais importante do mundo sob o ponto de vista cultural é a de Porto Alegre. O argumento tinha um motivo central: o caráter democrático e gratuito do evento.





Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## 24 horas vitais da Revolução Francesa

A queda de Robespierre (Editora Planeta, 672 páginas, R\$ 140,00), de Colin Jones, professor emérito de História Cultural na Queen Mary University de Londres, especialista em história francesa, especialmente século XVIII, Revolução e História da Medicina, apresenta as 24 horas que definiram o rumo da Revolução Francesa e revisita o episódio emblemático, mergulhando nas últimas horas de vida do controverso Maximilien Robespierre.

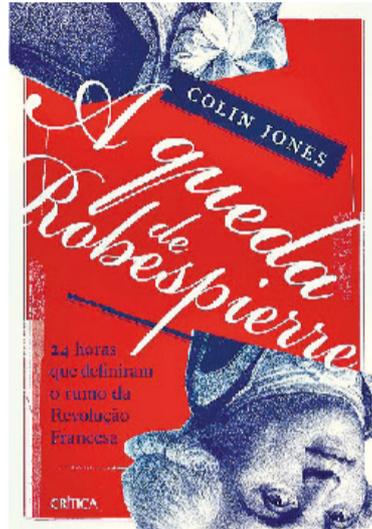
Colin Jones foi condecorado com a Ordem do Império Britânico, é Membro da British Academy e ex-presidente da Royal Historical Society. Nessa alentada obra, que lhe tomou muitos anos de trabalho, fala do dia 27 de Julho de 1794, ou o dia 9 Termidor. A data é amplamente reconhecida como um marco na história da Revolução Francesa. À meia-noite, Robespierre, o membro mais proeminente do Comitê da Salvação Pública, que

havia dirigido o Terror por mais de um ano, estava planejando destruir uma das conspirações mais perigosas que a Revolução havia enfrentado.

No final do dia tumultuado, cheio de reviravoltas, seu mundo havia virado de cabeça para baixo. Ele era um fora da lei, em fuga e procurado por conspiração contra a República. Sentiu a vida e a carreira no final. E estavam mesmo. Ele se matou pouco depois. Meio-morto, a guilhotina o executou de forma macabra no dia seguinte.

Ainda hoje há duas lendas envolvendo Robespierre. Uma “lenda dourada” o traz como um líder incorruptível e pai da democracia social. Uma “lenda sombria” o retrata como um “ditador megalomaniaco” sedento por sangue.

Lembrando Dickens e o romance policial britânico clássico, Jones elabora uma narrativa detalhada e deliciosa, sem deixar de lado o rigor historiográfico e



implodindo as fronteiras entre a história e o romance histórico. Jones faz outra leitura sobre Robespierre, afinada com o melhor da historiografia atual e amparada em documentação. Jones não isenta Robespierre de suas ações, mas mostra que a ideia de um “Estado terrorista” dirigido por um único homem deve ser revista.

## e palavras...

### FREUD NO PARCÃO

Confesso que ainda não fui fazer sessão terapêutica com a estátua do imortal Dr. Sigmund Freud inaugurada, com chuva e frio britânicos, na manhã de sábado passado, no Parque Moinhos de Vento, o Parcão. Claro que vou lá assim que possível tomar a benção e abrir os nebulosos porões do meu inconsciente para o pai da psicanálise. Sou paciente freudiano e mais ortodoxo que rótulo de Oliná, desses de consultório, mas pretendo até fazer terapia alternativa peripatética, caminhando, pensando e falando em volta da estátua, que pesa três toneladas e mede 2m50cm.

Pelo visto, os ladrões de bronze que andam por aí no máximo vão conseguir roubar os óculos do doutor, ou talvez a placa do monumento, feito com bronze e granito gaúchos por vinte e um artistas da Associação dos Escultores do Rio Grande do Sul (Acergs). O monumento é bonito, imponente, bem visível e acho que esta à altura de Freud, um dos pensadores mais importantes do século XX e que, após 86 anos de sua morte, segue influenciando nossas maneiras de viver, pensar e refletir sobre nós e o mundo e a sobre as formas com as quais produzimos arte e cultura. Nos tempos da pandemia e da enchente a população foi auxiliada por terapeutas, muitos com trabalho voluntário.

Como sempre, há quem reclame do custo da obra, da localização e outros detalhes. Normal. Quanto ergueram a Torre Eiffel muitos parisienses reclamaram. O genial escritor Maupassant protestou, disse que ela era um esqueleto gigante, uma monstruosidade, mas ironicamente ele almoçava no primeiro andar, que era o

único lugar em Paris onde, dizia, ele não precisava olhar para ela.

Historicamente poderiam ter pensando em localizar a bela estátua do Freud no local onde antigamente era o Largo da Loucura, a Praça que hoje homenageia o grande doutor Annes Dias, em frente a Santa Casa. No entorno havia e ainda há consultórios de psicoterapeutas. Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI muitos psicólogos, psiquiatras e psicanalistas localizaram seus consultórios na rua Tobias da Silva, que logo ganhou o simpático apelido de Fobias da Silva. Acho que a estátua não ficaria bem lá.

Atualmente os profissionais da área psi estão atendendo, creio, desde o Lami até o Sarandi, mostrando que se espalhou e democratizou a nobre atividade de escutar e auxiliar a quase todos nós, estonteados habitantes urbanos, necessitados de ajuda, em meio a tantos sons, palavras, ruídos, notícias, brigas e crises culturais, sociais, políticas, financeiras e mentais.

Em Viena onde viveu boa parte de sua vida e em Londres onde viveu o último ano de sua existência, Freud se localizou em endereços elegantes, que hoje são museus. Portanto, Freud combina com o Moinhos de Vento, nosso bairro que une passado, presente e futuro com elegância, saúde, liberdade e democracia. Especialmente nos fins de semana, o Parcão é um território alegre, saudável, plural, livre e democrático, sem preconceitos contra cachorros, gatos, bicicletas, bebês, crianças, jovens e adultos de qualquer parte da cidade, do Estado, do Brasil e de países estrangeiros. O Parcão é inclusivo e universal.

## lançamentos

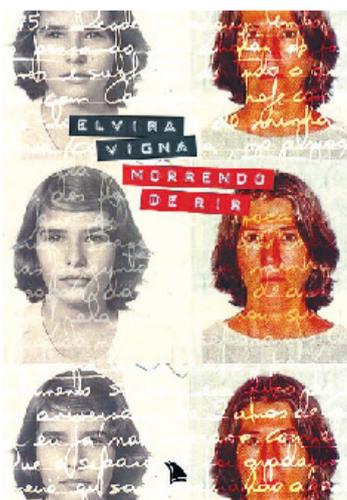


► **As aventuras de Generosidade** (Editora Alice, 64 páginas, R\$ 60,00) de Silvana Pretto Zanon, engenheira, empresária e escritora, obra infanto-juvenil, é mais que uma história de aventura, é um convite ao brincar e uma leitura que estimula curiosidade, empatia e construção de amizades, temas preciosos para a autora e para a busca de um mundo mais solidário.



► **A educação da vontade** (Edipro, 224 páginas), de Jules Payot (1859-1940), célebre pedagogo francês e reitor das Universidades Chambéry e Aix-en-Provence, ensina a fortalecer a vontade e adquirir o domínio de si e a investigar as causas da preguiça, da dispersão de atenção e da fraqueza moral. É um clássico da pedagogia.

► **Morrendo de rir** (Arquipélago, 184 páginas, R\$ 39,90), da premiada escritora, jornalista, ilustradora e artista plástica carioca Elvira Vigna traz crônicas saborosas que falam de feminismo e machismo, especialmente para mulheres, que ouvem melhor. As crônicas falam de literatura, futebol, feiras literárias, encontros e desencontros, mau humor com a política e outras inquietações cotidianas, sem aliviar para ninguém, mas com mordacidade e sagacidade.



## a propósito...

Brincadeiras e coisas ditas sérias à parte, o Freud no Parcão vai se tornar um ponto turístico e uma referência nacional e internacional. O monumento vai proporcionar fotos e *selfies*, ajudar a divulgar ainda mais as ideias do psicanalista e nossa cidade. Há quem diga que somente os

passarinhos tratam estátuas com naturalidade. Tomara que, no caso do Freud, as pessoas tratem a estátua com naturalidade e aproveitem o tempo que for possível para desacerlar um pouco, tomar consciência do momento e seguir o caminho com prazer de viver. **(Jaime Cimenti)**

## pensando cultura

# Streaming gera disputa interna na Ancine

Quanto Netflix, Prime Video, HBO Max, Disney+ e concorrentes faturam no Brasil? A resposta não é simples. Os números sobre lucros, audiência e investimentos das empresas de *streaming* costumam ser chamados por pessoas do meio audiovisual de caixa preta, como explica Eduardo Moura para a Folhapress.

Os dados não são públicos, já que são de empresas privadas, mas são fundamentais para o debate de quanto as plataformas deveriam pagar de Condecine, a Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional. O imposto é um ponto-chave do projeto de lei que regulamenta o *streaming*.

As tentativas de estimar quanto as plataformas faturam no Brasil vêm gerando discordâncias na Ancine, a Agência Nacional do Cinema. O órgão elaborou recentemente documento estimando a receita bruta sobre a qual incidiria a Condecine. O valor estimado, porém, veio com um erro de matemática. A tabela que estima o faturamento das plataformas com publicidade e assinaturas informa que a soma daria R\$ 69,7 bilhões. Mas, se cada item for somado na ponta do lápis, o total dá R\$ 76,2 bilhões.

O documento estima as receitas das plataformas Instagram,

Netflix, Disney, YouTube, TikTok, Amazon Prime Video, Globoplay, HBO Max, Paramount+, ClaroTV+, App TV+, Kwai e outros. Esse relatório foi apresentado em meio a uma rodada de reuniões do Ministério da Cultura (MinC) e da Ancine com entidades do setor audiovisual e com Jandira Feghali (PCdoB-RJ), relatora do projeto de lei do *streaming*, no início deste mês.

A reportagem, a Ancine afirma que “não houve divulgação de números ou resultados definitivos”. E que os levantamentos sobre o mercado de vídeo sob demanda são um processo em andamento, “de caráter técnico e preliminar”. Acrescenta que “o erro de soma será corrigido, com as devidas melhorias incorporadas ao processo”.

Após a circulação do documento, houve queixas de profissionais do meio, que avaliaram que os números estavam exagerados, sejam R\$ 69 ou R\$ 76 bilhões. Entre os profissionais do setor independente, há o temor de que valores superlativos de faturamento favoreçam um argumento em prol de alíquotas menores de taxa-ção. “Independente” é um termo guarda-chuva que engloba todos aqueles que não estão diretamente ligados aos grandes conglomerados da indústria cinematográfica. Enquanto plataformas defendem

uma Condecine de 3%, os independentes advogam por 12% sobre a receita bruta. O MinC quer 6%.

A diretoria da Ancine é hoje composta por Alex Braga Muniz, diretor-presidente, e Vinícius Clay, ambos indicados no governo Jair Bolsonaro (PL), além de Paulo Alcoforado, indicado pelo governo Lula (PT). Braga Muniz também foi anteriormente indicado por Michel Temer (MDB) como diretor, depois foi designado substituto eventual do diretor-presidente já no governo Bolsonaro, até enfim ser nomeado diretor-presidente em 2021.

O gabinete de Alcoforado elaborou um texto criticando o valor de R\$ 76 bilhões, além de apontar o erro de matemática. Segundo o documento, as estimativas feitas pela Ancine sobre as receitas dos serviços de vídeo sob demanda “não foram baseadas nos dados da Receita Federal”. O texto afirma, ainda, que uma “superavaliação das receitas a serem tributadas pode acabar por produzir efeitos indesejados no debate legislativo”.

Logo após a crítica de Alcoforado, a Ancine publicou nota afirmando que “a divulgação de materiais não oficiais, e fora da mediação institucional da Agência, não reflete a posição da Ancine e de seu qualificado corpo técnico. Essa divulgação pode comprometer

a integridade do debate público e gerar instabilidade em um momento estratégico para o audiovisual brasileiro”.

Em nota enviada no último dia 25, a Ancine afirma que “as metodologias aplicadas seguem padrões reconhecidos internacionalmente em estudos setoriais, baseando-se em parâmetros públicos e projeções consistentes. Esse trabalho integra os esforços da agência para ampliar o conhecimento sobre o segmento de *video on demand* e subsidiar discussões regulatórias para o fortalecimento do audiovisual brasileiro”. A agência garante que, ao término do processo, os dados consolidados serão publicados, sem precisar a data.

O projeto de lei do *streaming* tenta sair do papel há anos, sem sucesso. Há duas pautas correndo no Congresso atualmente. Uma deles, relatada por Feghali, parecia que ia vingar, mas sofreu obstrução na comissão de cultura da Câmara. Agora, ela deve ser anexada a outro projeto sobre o tema, mais antigo. Com isso, a expectativa é que Jandira Feghali deixe de ser a relatora, o que é visto, nos bastidores, como uma manobra costurada para retirá-la dessa posição.

Na última semana, representantes do audiovisual independente finalmente conseguiram se re-

unir com o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), para discutir o andamento do PL do *streaming*. Nem a ministra da Cultura, Margareth Menezes, nem o secretário-executivo do MinC, Márcio Tavares, estiveram na reunião. As entidades presentes no encontro com Motta fizeram defesa da manutenção de Feghali na relatoria e demonstraram preocupação com o possível apensamento dos dois PLs. O presidente, porém, não se comprometeu a manter Feghali na relatoria.

Na reunião da semana passada, foi entregue a Motta uma carta aberta assinada por centenas de profissionais do audiovisual, que cobram celeridade na votação do PL do *streaming*. Os diretores Walter Salles, Fernando Meirelles, Kleber Mendonça Filho, Laís Bodanzky, Petra Costa, Daniel Filho e os atores Fernanda Torres e Wagner Moura assinam o documento.

Nos últimos meses, Netflix e Amazon têm se aproximado de diferentes áreas do governo federal e participam de mesas de negociação para apoiar projetos variados. Reformas de salas de cinema, campanhas de promoção do turismo e reformas em equipamentos públicos estão nos planos de algumas plataformas de *streaming* que atuam no Brasil.

HBO MAX/DIVULGAÇÃO/JC



Cena da Série *Os Ausentes* (2021), primeira produção brasileira na plataforma de *streaming* HBO Max; hoje, conteúdo não está mais disponível para assinantes